

Grande Sertão: Veredas: A Defesa (Um Discurso de Má-Fé)

TELMA MARIA REMOR HILBERT*

"Queria entender do medo e da coragem e da
gã que empura a gente para fazer atos, dar
corpo ao suceder" G.S.V.¹

Já foi dito que no **Grande Sertão: Veredas** de tudo há pa-
ra quem souber ler². De fato, a grandiosidade e complexibilidade da
obra oferecem campo para sucessivas descobertas e, mais que isso,
para inesgotáveis desafios. O que foi aceito aqui e que, portanto,
é tema deste estudo, trata da dinâmica de defesa do narrador do
Grande Sertão: Veredas.

Vale dizer que, em se tratando de uma obra que se comõe de
um isomorfismo inegável³, a proposta será abordada em relação aos
grandes temas do livro, a sua ligação com o desenvolvimento nar-
rativo e como se incorpora na sua linguagem singular.

A proposta do **Grande Sertão: Veredas** é a rememoração de
Riobaldo, proprietário de terras à margem do rio São Francisco e
de seu passado como jagunço. Existe, primeiramente, a narrativa de

*Mestranda em Literatura Brasileira, UFSC.

fatos passados que são lembrados pelo narrador-protagonista. E, ao lado desta, no presente, a reflexão sobre este passado, sobre o próprio ato de contá-lo e ainda sobre a relação narrador-narratário.

O narrador-protagonista do **Grande Sertão: Veredas** circula basicamente entre temas tais como: As tentativas de separação entre o bem e o mal, a imposição da tarefa de eliminar os inimigos, a realização (ou não) do pacto, e a paixão dúbia por Diadorim (que se irradia nas vertentes de Otacília e Nhorinhá e no eixo amor-divino e amor demoníaco). A consideração desses temas gera em Riobaldo ansiedade, culpas e tormentos.

"Comigo, as coisas não têm hoje e ant'ontem amanhã: é sempre. Tormentos. Sei que tenho culpas em aberto. Mas quando que minha culpa começou?
p. 131.

Ele fez ou não o pacto? Existe ou não demônio? Ele amou a mulher em Diadorim ou amou a androgenia dela (e)? Este "não saber" inicial coloca Riobaldo em procura de respostas. A proposta de sua confissão é esta. Entretanto, neste processo de reflexão sobre sua vida, Riobaldo constrói um discurso impregnado de mecanismos de defesa. A começar pela relação narrador-narratário. O discurso que é composto de uma situação dialógica deveria supor uma comunicação aberta entre as duas personagens. Contudo, a participação do narratário restringe-se à repetição por parte de Riobaldo de suas perguntas. Riobaldo instala um monólogo onde constantemente neutraliza a participação (por ele mesmo solícitada) do narratário. "O Senhor não me responda"¹³⁰. "Mas o senhor calado convenha. Peço não ter resposta; que, se não, minha confusão aumenta". "Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito; faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo". E mais, Riobaldo toma posse do discurso e dirige o narratário para impor sua fala: "O Senhor dá certas risadas". "O Senhor pode rir, seu riso tem siso"¹⁵⁸. "Mas não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele? Não? Lhe agradeço. Sua alta opinião compõe minha valia". Assim, Riobaldo constrói um discurso já introduzindo respostas, um discurso de mãe fé.

A estrutura narrativa do livro já reflete isso. O narrador-protagonista impregna o enredo com idas e vindas, contando, na

verdade, a sua história várias vezes. Entretanto, a cada vez, são acrescentados novas lembranças e detalhes num movimento de uma espiral, ou do redemoinho de que fala Jean Paul Bruyas⁴. Estas idas e vindas foram propostas como consequência do movimento do discurso via fluxo de memória. Contudo, aparentemente trata-se de mais que isso. Riobaldo monta um discurso no qual tenta induzir o narratário a dar a resposta que ele quer ouvir. Esse processo de indução, este discurso de mã fê, reflete-se na construção narrativa justamente na presença de frequentes movimentos circulares; na repetição da história. A cada girada do redemoinho aprimora-se o discurso no sentido de uma tentativa de convencimento do narratário. A recontagem circular é um processo de defesa (e da mã fê) do narrador-protagonista que vai prendendo detalhes mais profundos e comprometedores da história até o momento que sente resolvida sua relação com o interlocutor. Veja da página 07 à 292 a história de Riobaldo já foi contada várias vezes.

07-57 "Ou conto mal? Reconto"

57-93 "Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. De grave, na lei do comum, disse ao senhor quase tudo. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença.

176-288 "Ah, meu senhor, o que eu acho é que o senhor já sabe mesmo tudo — que tudo lhe fiei. Aqui eu podia pôr ponto. Para tirar o final, o que lhe basta, que menos mais, é por atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo".

Da página 288-292 Riobaldo faz uma rememoração e uma confirmação de tudo o que foi dito. O que equivale na verdade a um reforço ao processo de mã fê em que ele tenta envolver o narratário. Só, então, sentindo-se seguro ele narra a parte que mais o compromete da história. Deste ponto em diante, a narrativa corre solta, linear, sem interrupções ou resvalos.

Além da indução do interlocutor, o narrador interpenetra seu discurso de outras defesas. A que aparentemente se constrói mais radicalmente é a negação. Entretanto, o que suporia uma defesa se revela um sintoma muito marcante de mã-fê e, daí, da culpa que Riobaldo sente. Segundo Sigmund Freud "Negar algo em nosso juízo equivale, no fundo, a dizer: isto é algo que eu gostaria de

reprimir" e, também. "A negação é uma forma de aceitação do reprimido"⁵. Então, já fica claro que Riobaldo ao negar fatos, nada mais faz que trazer à tona as suas verdades maiores. Verdades que ele não quer aceitar e precisa desmentir⁶.

O narrador-protagonista ao tratar de seu amor por Diadorim nega haver inclinação homossexual — o que vai descambar na relação Diadorim-amor demoníaco.

"Mas ponho Minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres — nunca tive inclinação pra aos vícios desencontrados" p. 137.

Note na negativa de Riobaldo a presença marcante de M e N; é o isomorfismo do Grande Sertão. O livro forma um grande conjunto onde a palavra realiza seus grandes temas. Os fonemas n e m assumem na língua as negações que percorrem o discurso de defesa de Riobaldo.

Logo que começa sua narrativa Riobaldo nega a existência do demônio. "...é que não tem diabo nenhum. Nenhum". "E o diabo não há nenhum". "... que não tem diabo nenhum, não existe, não pode". "É preciso negar o que o 'Que diga existe'". Negação que é confirmada também por alguns nomes de que Riobaldo o chama: "o não-ser", "um que não existe", "o que não existe", etc...

Da mesma forma ele nega o pacto

"Ah, o pacto não houve"
"O pacto nenhum, negócio não feito"
"Vender sua própria alma. Invencionice falsa.
Não é vendível"
"Eu não vendi minha alma. Não assinei afinco".

Novamente a presença do fonema n para negar a existência do demônio e do pacto firmado com ele. O que também significativamente acontece nesta negação; é a passagem onde Riobaldo conta o pacto:

"Naquela estação, eu nem sabia maiores havencas"
"Lucifer! Lucifer!... — aí eu bramei, desengolindo
Não. Nada"
"... Ele não existe, e não apareceu nem respondeu" p. 394.

Após a p. 288, onde Riobaldo reafirma seu discurso de defe-

sa (Ele já negou — mais de uma vez — a existência do demônio, o amor dúbio por Diadorim, o pacto, o desejo de chefia e poder) e, assim, resolve sua relação com o narratário, ele diz: "Agora, no que tive culpa e errei, o senhor vai ouvir" p. 292. Ora, deste ponto em diante ele só vai contar como chegou à chefia, o pacto e a morte de Diadorim.

Entretanto, mesmo falando em culpa Riobaldo usa de má fé. Ele arma defesas em seu discurso para justificar o pacto, a tomada de chefia e paralelo a isto, a participação e morte de Diadorim.

Relacionando com Diadorim surge outra negação de Riobaldo. Como tão bem constatou Augusto de Campos, Diadorim é no romance relacionado ao tema demoníaco⁷. Em termos de trama amorosa, esse demoníaco surge à medida em que Riobaldo, em seu discurso, apresenta Diadorim como fonte irradiadora do amor "equivoco" e "proibido" que os liga. Isto é, Diadorim aparece como um ser misterioso e indecifrável que atrai Riobaldo física e amorosamente para si. Então, Riobaldo coloca sobre Diadorim a responsabilidade pela paixão ambígua que os liga.

É Diadorim quem chama atenção para a sintonia de seus nomes. Seria, assim, o primeiro despertar da união dúbio entre os dois.

"Riobaldo... Reinaldo" — de repente ele deixou isto em dizer: - **Dão par**, os nomes de nós dois..." p. 134.

É Diadorim quem freqüentemente procura uma aproximação física concreta (embora em gestos significativamente femininos e delicados).

"Diadorim apalpou meu braço" p. 50

"... e apertou minha mão" p. 73

"... se abraçou comigo" p. 232

A atração, o chamado narrador nesta cena por Riobaldo lançam sobre Diadorim a responsabilidade pelos sentimentos que lhe desperta o companheiro.

"Que vontade era de pôr meus dedos, de leve, o leve, nos meigos olhos dele, ocultando, para não ter de ver assim o chamado até que ponto esses olhos, sempre havendo, aquela beleza verde, me adoecido tão impossível" p. 43.

E ainda. Quando fala em seu amor por Diadorim, Riobaldo usa expressões como: "As vontades de minha pessoa estavam entregues a Diadorim"; "mandante amizade", "Ser dono definitivo de mim, era o que eu queria, queria. Mas Diadorim sabia disso, parece que não deixava", "No não, gostava por destino".

Ligando a estas expressões como:

"E o Urutu-Branco? Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi — que era um pobre menino do destino" p. 16.

Note as presenças das palavras: Mandante, destino, levado (induzido?!).

E também:

"O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!" p.93

Riobaldo parece querer negar, inocentar-se de qualquer responsabilidade no movimento dos fatos de sua trajetória como jagunço. Aqui ele usa o destino como responsável, e, ainda mais, sugere a forte participação de Diadorim no encaminhamento dos fatos. É sua defesa. É seu discurso de má fé.

Durante a narrativa ele coloca Diadorim como responsável (através do amor que lhe inspira) por sua entrada na vida de jagunço, pela necessidade de eliminar o inimigo (daí nascendo a razão do pacto). Ele chega mesmo, reforçando esta idéia, a negar sua condição jagunça.

"O Jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui — porque não sou, não quero ser. Deus esteja" p. 202.

Então, na relação Diadorim — demoníaco, no discurso de defesa de Riobaldo não só está configurada a responsabilidade pelo amor "equivocado" entre os dois amigos, mas também, por toda a saga de Riobaldo como jagunço.

Reforçando a defesa do suceder de sua vida jagunça, pela justificativa do destino e da influência de Diadorim, aparecem no discurso de Riobaldo outras negações.

Riobaldo nega o desejo de chefia por diversas vezes.

No começo do comando de Zé Bebelo, Riobaldo já se justifica negando um sentimento de superioridade sobre seu chefe. Neste trecho é também muito marcante a correspondência da linguagem ao tema.

"— Pois é, chefe. E eu não sou nada, não sou nada, não sou nada... Não sou mesmo nada, nadinha de nada, de nada... Sou coisinha nenhuma, o senhor sabe? Sou o nada coisinha mesma nenhuma de nada, o menorzinho de todos. O senhor sabe? De nada. De nada... de nada..." p. 328.

Ou na passagem onde já no comando enfraquecido de Zé Bebelo, Diadorim instiga Riobaldo para que tome a chefia.

"Nãozão! Me desinduzi" p. 330.

A negativa em aumentativo e a negativa de prefixação **des** reforçam a defesa de Riobaldo. Ele não só nega o desejo do comando, mas também, o poder de Diadorim sobre si.

Riobaldo nega o desejo de chefia até mesmo quando a toma de Zé Bebelo e João Goanhã. Atribui o fato a uma força estranha (possível depois do pacto) e significativamente, sem ser acusado, defende-se afirmando que o que conta é a única verdade.

"... tudo agora era possível. Não era de propósito, o senhor não julgue. Nem não fizeram espantos. Não exclamei, não pronunciei, só disse — Ah, agora quem é que é o chefe" p. 406.

E a chefia lhe é dada gratuitamente.

"**Tudo me dado... Assim. Arte que virei chefe. Assim exato é que foi, juro ao senhor. Outros é que contam de outra maneira**".

Como o alcance de chefia só ocorre via pacto, a negação de Riobaldo do desejo de tomá-la suporia a sua não responsabilidade, e culpa, sobre o pacto. Deste modo, ele realmente se justificaria como obra pré-determinada pelo destino (do qual Riobaldo seria apenas instrumento) e, ou, indiretamente, por Diadorim. Assim, até o pacto a "culpa" pelo encaminhamento dos fatos gera sobre o destino e, ou, Diadorim (que também se relaciona ao demoníaco: é o eixo Diadorim — amor demoníaco). Narrado o pacto, há uma modificação no processo de defesa. Primeiro, porque Diadorim é quem acusa Rio-

baldo de seu estranho comportamento (o que não compromete o eixo Diadorim — amor demoníaco no processo de defesa). Segundo, porque depondo Zé Bebelo e assumindo o comando, Riobaldo toma o destino em suas mãos. Entretanto, considerando o suposto pacto, visto que Riobaldo o utiliza em seu processo de defesa, o demônio agiria por Riobaldo e, então, a responsabilidade é novamente desviada.

Portanto, aparentemente existem três forças que agem sobre a vida de Riobaldo. O destino, Diadorim e o demônio⁸. Vale dizer, na narrativa de Riobaldo, que gira em círculos, como em redemoinho, esses três elementos estão paralelos, ininterruptos e relacionados. No processo de defesa de Riobaldo eles correm também em movimentos de turbilhão, em giros. Como três ventos correndo juntos. Eles não agem isoladamente. Um não vem primeiro que o outro. Por vezes, dois se tornam um (Diadorim — amor demoníaco). Por outra, um é três (o destino engloba tudo). O que parece claro é que a presença deles no discurso de Riobaldo inocenta-o dos acontecimentos narrados. É como se estas três forças o arrastassem (como ventos) num turbilhão de fatos sobre os quais ele não seria responsável. Está aí sua defesa e sua mãe fé.

O mais curioso deste processo de defesa de Riobaldo é que, por exemplo, ao mesmo tempo que nega o demônio, nega o pacto, ele usa-os para justificar-se de tudo que fez. Porém, o leitor aceita isso (quando se dá conta). Riobaldo é um personagem que está absolutamente consciente de seu papel de narrador. Ele é um homem aflito que procura respostas e alívio, mas, na travessia, forja o resultado. Que aparentemente é sincero mas produz esquemas defensivos. Ele monta um discurso que é mais um grande "não" a todas as culpas e vergonhas que sente. Pois, como demonstra Sigmund Freud, quem se esforça em muito negar, revela por isto mesmo, sua verdade maior⁹. O **Grande Sertão: Veredas** é também um grande "não". Sugerido, aliás, desde o começo da narrativa, com a primeira palavra do texto: "— Nonada". Este "não" se estende no livro em termos de tema (a negação), linguagem, e na própria estrutura do texto. E supõe, quando aparece no fim da última página, um grande círculo. Uma travessia circular que volta ao ponto de origem, um "não" inútil, um "nada". Um não-senso, como a própria palavra diz, de um homem que procura alívio, mas forjando, se condena a uma volta à

agonia inicial.

É essa complexidade, profundidade, que faz o livro algo absolutamente imperdível.

É, sem dúvida, a grandiosidade de Guimarães Rosa. Que, partindo de um enredo aparentemente simples, constrói uma personagem intrigantemente complexa; um discurso que, em tom de oralidade, revela-se extremamente profundo; uma linguagem isomorficamente fiel. É uma obra com tantos elementos que pode ser observada de inúmeros ângulos de pesquisa.

É o grande romance de que fala Antonio Candido¹⁰. Tudo nele é inseparável, tudo é coerente, tudo é criativo.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

²CANDIDO, Antonio. "O Homem dos Avessos". In: *Tese e Antítese*. São Paulo, Companhia Editora Nacional,

³CAMPOS, Augusto de. "Um Lance de 'Des' do Grande Sertão". In: *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982. Coleção Fortuna Crítica, vol. 6, p. 321.

⁴BRUYAS, Jean-Paul. "Técnicas, estrutura e visão em Grande Sertão: Veredas" in *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982. Coleção Fortuna Crítica, vol. 6, p. 310-320.

⁵FREUD, Sigmund. *El Yo y El Ello*. Madrid. Alianza Editorial, 1973.

⁶NOTA: O processo não ocorre só no presente da narrativa, só a nível de organização defensiva do discurso (sua mã fê). E equivale a dizer que a negação é um dos mecanismos de defesa mais particulares na sua posição frente à vida. E flagrante o uso da negação defensiva de Riobaldo em momentos em que sente medo, ou se sente ameaçado. Como na passagem em que é ameaçado por "Zé Bebelo": "No mundo não tem Zé Bebelo nenhum... Tem esse chefe nenhum... Existiu, mas não existe... Nem nunca existiu... Tem criatura nem visagem nenhuma com essa aparência presente nem com esse nome..." p. 326.

⁷CAMPOS, Augusto de. "Um Lance de 'Des' do Grande Sertão". In: *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982. Coleção Fortuna Crítica, vol. 6, p. 321-350.

⁸NOTA: Poderia-se falar em uma quarta força no discurso de defesa de Riobaldo: "Deus". Porém, este elemento não surge com tanta força como os outros

três fazem-no. Supostamente, porque isto implicaria em uma força do bem eliminando o mal, através do mal. E Riobaldo quer separar o bem do mal, desmisturá-los. Portanto ele não pode responsabilizar "Deus" por sua ganância, sua violência, sua "homossexualidade", etc...

⁹FREUD, Sigmund. **El Yo y El Ello**. Madrid, Alianza Editorial, 1973.

¹⁰CANDIDO, Antonio. "O Homem dos Aversos". In: **Tese e Antítese**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.

BIBLIOGRAFIA

BRUYAS, Jean-Paul. "Técnicas, estrutura e visão em Grande Sertão: Veredas". In: **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1982. Coleção Fortuna Crítica, vol. 6, p. 458-477.

CAMPOS, Augusto de. "Um Lance de 'Des' do Grande Sertão". In: **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1982. Coleção Fortuna Crítica, vol. 6, p. 321-350.

CANDIDO, Antonio. "O Homem dos Aversos". In: **Tese e Antítese**. 3.ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.

FACÓ, Aglaêda. **Guimarães Rosa: Do Ícone ao Símbolo**. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1982.

FREUD, Sigmund. **El Yo y El Ello**. Madrid, Alianza Editorial, 1973.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**. São Paulo, perspectiva, 1982.

MIKETEN, Antônio Roberval. **Travessia de Grande Sertão: Veredas**. Brasília, Thesaurus, 1982.

NUNES, Benedito. "O amor na obra de Guimarães Rosa". In: **"O Dorso do Tigre"**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1976. (2.ed.)

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. "Dom Riobaldo da Urucua, Cavaleiro dos Campos Gerais". In: **"Guimarães Rosa"**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982. Coleção Fortuna Crítica, vol. 6, p.310-320.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19.ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

SCHWARZ, Roberto. "Grande Sertão: a fala". In: **A Sereia e o Desconfiado**, 2.ed., Rio de Janeiro, Pax e Terra, 1981.

_____. "Grande Sertão e Dr. Faustus". In: **A Sereia e o Desconfiado**. 2.ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.